

# APRESENTAÇÃO

## SIG HISTÓRICO E PRÁTICAS DOCENTES

Em 2013, durante o período de estágio na Universidade de Stanford, junto ao Center for Spatial and Textual Analysis (CESTA), procurava aprofundar minhas pesquisas de doutorado sobre história e o uso do Sistema de Informações Geográficas, ocasião em que conheci a pesquisadora Cristiane Miyasaka. Ainda que com recortes bastante distintos, nossas investigações levavam ao questionamento a respeito das possibilidades analíticas ao agregar às pesquisas históricas a dimensão espacial dos objetos de estudo. Os desdobramentos de tais reflexões tornaram-se teses de doutorado na UFJF e na Unicamp. Notadamente, ao longo desse percurso ficou cada vez mais evidente que essa correlação entre espaço e tempo é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa e dificilmente existem casos em que o espaço não condiciona ou não tem nada a dizer sobre o passado. Obviamente, não fomos os primeiros a pensar essa correlação e aplicá-la à pesquisa histórica. Grandes historiadores e geógrafos já o fizeram no passado com resultados excepcionais. O ponto é que a tecnologia atual é diferente da do passado de nossos pioneiros e, hoje, temos uma facilidade maior por conta desse desenvolvimento.

Considerar essa diferença entre os meios de produção da pesquisa no passado e nos dias atuais é atualizar a nossa abordagem científica sobre nossas fontes de informações e dados, corroborando (ou não) resultados já obtidos e apresentando novos questionamentos que surgem em razão de tais mudanças na prática de investigação. Por si só, esse cenário já seria suficiente para mostrar a importância de uma reflexão sobre o tema.

Todavia, ao organizarmos este dossiê, nossa intenção foi tratar do debate a respeito desse necessário tema – que envolve as relações interdisciplinares entre geografia e história

a partir da lente tecnológica do Sistema de Informações Geográficas (SIG), dando ênfase as primeiras iniciativas de seu uso nas práticas docentes. Nesse sentido, o dossiê é composto por autores de importantes centros de pesquisa e de ensino superior, sobretudo no Brasil, familiarizados com o uso das geotecnologias aplicadas à história e que compartilharam suas experiências docentes nessa área. Do esforço em congregiar as contribuições desses autores, pudemos compor um rico material para dar suporte às aulas de graduação e pós-graduação em história, que visam incorporar o debate em torno das geotecnologias e dos SIGs em seu cotidiano.

No primeiro artigo do dossiê, o professor Rafael Laguardia trata da produção do conhecimento histórico, na qual o espaço é um elemento analítico fundamental. O autor explora como os Sistemas de Informações Geográficas (SIGs), delineados para serem aplicados no âmbito da geografia, também oferecem contribuições pertinentes para a história. Nesse sentido, dá ênfase à categorização das informações, explicitando noções básicas para aqueles que têm interesse em conhecer a história georreferenciada. A partir de sua experiência docente, o autor compartilha como abordou tal produção historiográfica em sala de aula.

O historiador Leonardo Barleta também trata sobre como os SIGs podem ser utilizados em sala de aula, mas acrescenta um panorama dos seus usos em projetos de pesquisa individuais e coletivos em história. Assim, além de oferecer subsídios para o desenvolvimento de tais atividades, esclarecendo, por exemplo, quais são as tendências tecnológicas na área, o autor explora a estrutura necessária para empregar os SIGs na prática docente e de investigação. Levando em consideração objetivos distintos a serem alcançados, Barleta propõe estratégias didáticas e cuidados a serem tomados por historiadores ao trabalharem com as geotecnologias.

O professor Tiago Gil, da Universidade de Brasília, apresenta como nasceu o projeto “Atlas Digital da América Lusa”. Sua narrativa explora não apenas os desafios com relação

às fontes e aos dados que serviram de base para a construção do atlas, mas principalmente como o trabalho coletivo desenvolvido junto a alunos de graduação e pós-graduação foi decisivo para os rumos do projeto e para os resultados obtidos.

O estranhamento causado pelo uso dos SIGs entre historiadores nos idos de 2014 foi o ponto de partida do artigo escrito pelo professor Carlos Valencia, da Universidade Federal Fluminense / Campos de Goytacazes. Nele também podemos acompanhar a experiência docente do autor, dedicada aos SIGs, bem como as estratégias que ele adotou para difundir a sua aplicação entre historiadores. Se por um lado seu texto traz à luz os obstáculos que dificultam a ampliação do uso dos SIGs – que vão desde à pouca familiaridade de muitos desses pesquisadores com computadores até à infraestrutura que os projetos nessa área demandam –, por outro, ele aponta para os avanços obtidos recentemente.

O professor Luis Ferla, da Universidade Federal de São Paulo, por sua vez, conta o percurso do grupo de pesquisa Hímaco – História, Mapas e Computadores, do qual é um dos fundadores, bem como aborda questões fundamentais que envolvem a produção do conhecimento histórico no âmbito das humanidades digitais. Ao tratar da história do Hímaco e dos seus projetos, o autor apresenta o caminho percorrido para o desenvolvimento da pesquisa em uma área de estudo que ainda está se consolidando no Brasil. Sendo assim, trata dos desafios enfrentados, da receptividade no meio acadêmico, da importância da curricularização do SIG histórico, da valorização do trabalho coletivo e dos debates em torno da livre circulação do conhecimento.

Por fim, o professor Marcelo Werner da Silva, da Universidade Federal Fluminense / Campos dos Goytacazes, apresenta como se deu o seu contato com a produção de mapas e com a área do conhecimento intitulada geografia histórica. Ao descrever o percurso para a elaboração de uma série de mapas utilizados em sua pesquisa de doutorado, oferece elementos didáticos interessantes. Além disso, trata da

formação do Geohistórica, Grupo de Estudos e Pesquisas de Geografia Histórica, do qual faz parte.

Ao apresentarmos esse mosaico de experiências de docentes e pesquisadores que fazem uso das geotecnologias para pensar e produzir conhecimento a respeito do passado, tivemos a intenção de mapear tais iniciativas, apontando tanto as dificuldades enfrentadas, como as soluções encontradas. Para além disso, o que nos animou a organizar esse dossiê foi a possibilidade de apontar caminhos possíveis e de oferecer subsídios para difundir e ampliar o uso das geotecnologias entre os historiadores brasileiros. Nesse sentido, os percalços aqui relatados, bem como as estratégias adotadas pelos autores que contribuíram com o dossiê oferecem material valioso para os que pretendem incorporar o SIG histórico em sua prática docente.

Os organizadores,  
Rafael Laguardia  
Cristiane Miyasaka

